

O Céu e o inferno



Allan Kardec

**PARTE I – Doutrina
CAPÍTULO V – O purgatório**

Índice

Assunto	Origem	Pagina
1. O purgatório	O Céu e o inferno	03
O que é Espiritismo	O Consolador	06
O Porquê da Vida	O Consolador	07
Cristianismo e Espiritismo	O Consolador	09

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo V)

Parte I – Doutrina

Capítulo V – O purgatório

I – O purgatório

1. O Evangelho não faz menção alguma do purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano de 593. É incontestavelmente um dogma mais racional e mais conforme com a justiça de Deus que o inferno, porque estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis para as faltas de gravidade mediana. O princípio do purgatório é, pois, fundado na equidade, porque, comparado à justiça humana, é a detenção temporária a par da condenação perpétua. Que julgar de um país que só tivesse a pena de morte para os crimes e os simples delitos? Sem o purgatório, só há para as almas duas alternativas extremas: a suprema felicidade ou o eterno suplício. E nessa hipótese, que seria das almas somente culpadas de ligeiras faltas? Ou compartilhariam da felicidade dos eleitos, ainda quando imperfeitas, ou sofreriam o castigo dos maiores criminosos, ainda quando não houvessem feito muito mal, o que não seria nem justo, nem racional.

2. Mas, necessariamente, a noção do purgatório deveria ser incompleta, porque apenas conhecendo a penalidade do fogo fizeram dele um inferno menos tenebroso, visto que as almas aí também ardem, embora em fogo mais brando. Sendo o dogma das penas eternas, incompatível com o progresso, as almas do purgatório não se livram dele por efeito do seu adiantamento, mas em virtude das preces que se dizem ou que se mandam dizer em sua intenção. E se foi bom o primeiro pensamento, outro tanto não acontece quanto às consequências dele decorrentes, pelos abusos que originaram. As preces pagas transformaram o purgatório em mina mais rendosa que o inferno. (1)

(1) 1 O purgatório originou o comércio escandaloso das indulgências, por intermédio das quais se vende a entrada no céu. Este abuso foi a causa primária da Reforma, levando Lutero a rejeitar o purgatório.

3. Jamais foram determinados e definidos claramente o lugar do purgatório e a natureza das penas aí sofridas. À Nova Revelação estava reservado o preenchimento dessa lacuna, explicando-nos a causa das terrenas misérias da vida, das quais só a pluralidade das existências poderia mostrar-nos a justiça. Essas misérias decorrem necessariamente das imperfeições da alma, pois se esta fosse perfeita não cometeria faltas nem teria de sofrer-lhe as consequências. O homem que na Terra fosse em absoluto sóbrio e moderado, por exemplo, não padeceria enfermidades oriundas de excessos.

O mais das vezes ele é desgraçado por sua própria culpa, porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, expiando não somente faltas atuais, mas faltas anteriores não resgatadas. Repara em uma vida de provações o que a outrem fez sofrer em anterior existência. As vicissitudes que experimenta são, por sua vez, uma correção temporária e uma advertência quanto às imperfeições que lhe cumpre eliminar de si, a fim de evitar males e progredir para o bem. São para a alma lições da experiência, rudes às vezes, mas tanto mais proveitosas para o futuro, quanto profundas as impressões que deixam. Essas vicissitudes ocasionam incessantes lutas que lhe desenvolvem as forças e as faculdades intelectivas e morais. Por essas lutas a alma se retempera no bem, triunfando sempre que tiver denodo para mantê-las até ao fim. O prêmio da vitória está na vida espiritual, onde a alma entra radiante e triunfadora como soldado que se destaca da refrega para receber a palma gloriosa.

4. Em cada existência, uma ocasião se depara à alma para dar um passo avante; de sua vontade depende a maior ou menor extensão desse passo: franquear muitos degraus ou ficar no mesmo ponto. Neste último caso, e porque cedo ou tarde se impõe sempre o pagamento de suas dívidas, terá de recomeçar nova existência em condições ainda mais penosas, porque a uma nódoa não apagada ajunta outra nódoa. É, pois, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja das

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo V)

suas imperfeições, que se purga, em uma palavra, até que esteja bastante pura para deixar os mundos de expiação como a Terra, onde os homens expiam o passado e o presente, em proveito do futuro. Contrariamente, porém, à idéia que deles se faz, depende de cada um prolongar ou abreviar a sua permanência, segundo o grau de adiantamento e pureza atingido pelo próprio esforço sobre si mesmo. O livramento se dá, não por conclusão de tempo nem por alheios méritos, mas pelo próprio mérito de cada um, consoante estas palavras do Cristo: — A cada um, segundo as suas obras, palavras que resumem integralmente a justiça de Deus.

5. Aquele, pois, que sofre nesta vida pode dizer-se que é porque não se purificou suficientemente em sua existência anterior, devendo, se o não fizer nesta, sofrer ainda na seguinte. Isto é ao mesmo tempo equitativo e lógico. Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, tanto mais tempo se sofre quanto mais imperfeito se for, da mesma forma por que tanto mais tempo persistirá uma enfermidade quanto maior a demora em tratá-la. Assim é que, enquanto o homem for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto egoísta, as do egoísmo.

6. Devido às suas imperfeições, o Espírito culpado sofre primeiro na vida espiritual, sendo-lhe depois facultada a vida corporal como meio de reparação. É por isso que ele se acha nessa nova existência, quer com as pessoas a quem ofendeu, quer em meios análogos àqueles em que praticou o mal, quer ainda em situações opostas à sua vida precedente, como, por exemplo, na miséria, se foi mau rico, ou humilhado, se orgulhoso. A expiação no mundo dos Espíritos e na Terra não constitui duplo castigo para eles, porém um complemento, um desdobramento do trabalho efetivo a facilitar o progresso. Do Espírito depende aproveitá-lo. E não lhe será preferível voltar à Terra, com probabilidades de alcançar o céu, a ser condenado sem remissão, deixando-a definitivamente? A concessão dessa liberdade é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que quer que o homem tudo deva aos seus esforços e seja o obreiro do seu futuro; que, infeliz por mais ou menos tempo, não se queixe senão de si mesmo, pois que a rota do progresso lhe está sempre franca.

7. Considerando-se quão grande é o sofrimento de certos Espíritos culpados no mundo invisível, quanto é terrível a situação de outros, tanto mais penosa pela impotência de preverem o termo desses sofrimentos, poder-se-ia dizer que se acham no inferno, se tal vocábulo não implicasse a idéia de um castigo eterno e material. Mercê, porém, da revelação dos Espíritos e dos exemplos que nos oferecem, sabemos que o prazo da expiação esta subordinado ao melhoramento do culpado.

8. O Espiritismo não nega, pois, antes confirma, a penalidade futura. O que ele destrói é o inferno localizado com suas fornalhas e penas irremissíveis. Não nega, outrossim, o purgatório, pois prova que nele nos achamos, e definindo-o precisamente, e explicando a causa das misérias terrestres, conduz à crença aqueles mesmos que o negam. Repele as preces pelos mortos? Ao contrário, visto que os Espíritos sofredores as solicitam; eleva-as a um dever de caridade e demonstra a sua eficácia para os conduzir ao bem e, por esse meio, abreviar-lhes os tormentos(1). Falando à inteligência, tem levado a fé a muito incrédulo, incutindo a prece no ânimo dos que a escarneciam. O que o Espiritismo afirma é que o valor da prece está no pensamento e não nas palavras, que as melhores preces são as do coração e não dos lábios, e, finalmente, as que cada qual murmura de si mesmo e não as que se mandam dizer por dinheiro. Quem, pois, ousaria censurá-lo?

(1) Vede O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXVII — “Ação da prece”.

9. — Seja qual for a duração do castigo, na vida espiritual ou na Terra, onde quer que se verifique, tem sempre um termo, próximo ou remoto. Na realidade não há para o Espírito mais que duas alternativas, a saber: — punição temporária e proporcional à culpa, e recompensa graduada segundo o mérito. Repele o Espiritismo a terceira alternativa, da eterna condenação. O inferno

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo V)

reduz-se à figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo termo é desconhecido. O purgatório, sim, é a realidade. A palavra purgatório sugere a idéia de um lugar circunscrito: eis por que mais naturalmente se aplica à Terra do que ao Espaço infinito onde erram os Espíritos sofredores, e tanto mais quanto a natureza da expiação terrena tem os caracteres da verdadeira expiação. Melhorados os homens, não fornecerão ao mundo invisível senão bons Espíritos; e estes, encarnando-se, por sua vez só fornecerão à Humanidade corporal elementos aperfeiçoados. A Terra deixará, então, de ser um mundo expiatório e os homens não sofrerão mais as misérias decorrentes das suas imperfeições. Aliás, por esta transformação, que neste momento se opera, a Terra se elevará na hierarquia dos mundos. (1)

(1) Idem, cap. III — “Progressão dos mundos”.

10. Mas, por que não teria o Cristo falado do purgatório? É que, não existindo a idéia, não havia palavra que a representasse. O Cristo serviu-se da palavra inferno, a única usada, como termo genérico, para designar as penas futuras, sem distinção. Colocasse ele, ao lado da palavra inferno, uma equivalente a purgatório e não poderia precisar-lhe o verdadeiro sentido sem ferir uma questão reservada ao futuro; teria, enfim, de consagrar a existência de dois lugares especiais de castigo. O inferno em sua concepção genérica, revelando a idéia de punição, encerrava, implicitamente, a do purgatório, que não é senão um modo de penalidade. Reservado ao futuro o esclarecimento sobre a natureza das penas, competia-lhe igualmente reduzir o inferno ao seu justo valor. Uma vez que a Igreja, após seis séculos, houve por bem suprir o silêncio de Jesus quanto ao purgatório, decretando-lhe a existência, é porque ela julgou que ele não havia dito tudo. E por que não havia de dar-se sobre outros pontos o que com este se deu?

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo V)

Estudo as obras de Kardec

30 – 09/11/2007

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O que é Espiritismo – Kardec

I. O purgatório

90. Os Espíritos proclamam um Deus único, soberanamente justo e bom; eles dizem que o homem é livre e responsável por seus atos, recompensado ou punido pelo bem ou pelo mal que houver feito; colocam acima de todas as virtudes a caridade evangélica e a seguinte regra sublime ensinada pelo Cristo: fazer aos outros como queremos que nos seja feito.

(Cap. I, Terceiro Diálogo, pág. 128.)

91. O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, e não cogita de questões dogmáticas. Ele funda-se na existência de um mundo invisível, formado pelos seres incorpóreos que povoam o espaço e que são as almas daqueles que viveram na Terra, ou em outros globos. São os seres a que chamamos Espíritos, que nos cercam e incessantemente exercem sobre os homens uma grande influência e desempenham papel muito ativo no mundo moral e, até certo ponto, no físico. O Espiritismo está, pois, em a Natureza.

(Cap. I, Terceiro Diálogo, pág. 129.)

92. Ele repousa, portanto, em princípios independentes das questões dogmáticas. Suas consequências morais são todas no sentido do Cristianismo, porque de todas as doutrinas é esta a mais esclarecida e pura.

(Cap. I, Terceiro Diálogo, pág. 130.)

93. O sentimento religioso domina nas evocações e em nossas reuniões, mas não temos fórmula sacramental: para os Espíritos o pensamento é tudo e a forma, nada. Nós os chamamos em nome de Deus, porque cremos em Deus e sabemos que nada se faz neste mundo sem sua permissão, e, portanto, eles não virão sem que Deus o permita.

(Cap. I, Terceiro Diálogo, pág. 130.)

94. A prática do bem, que é a lei superior, é a condição sine qua non do nosso futuro, como prova o estado dos Espíritos que conosco se comunicam. O Espiritismo, como doutrina moral, só impõe uma coisa: a necessidade de fazer o bem e evitar o mal.

(Cap. I, Terceiro Diálogo, pág. 134.)

95. A duração do castigo na vida post-mortem é subordinada ao melhoramento do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige, para pôr um termo aos sofrimentos, é o arrependimento, a expiação e a reparação; em uma palavra, um melhoramento sério e efetivo, uma volta sincera ao bem.

(Cap. I, Terceiro Diálogo, pág. 135.)

96. Os Espíritos não negam, portanto, as penas futuras, pois que são eles mesmos que nos vêm descrever seus próprios sofrimentos, e este quadro nos toca mais que o das chamas perpétuas, porque tudo nele é perfeitamente lógico.

(Cap. I, Terceiro Diálogo, pág. 136.)

97. A Bíblia, o Evangelho e os pais da Igreja reconhecem perfeitamente a possibilidade das comunicações com o mundo invisível. Além disso, a Igreja, admitindo a autenticidade de certas aparições e comunicações de santos, rejeita assim a idéia de que só podemos entrar em relação com os maus Espíritos.

(Cap. I, Terceiro Diálogo, pág. 137.)

Kardec Allan, O que é o Espiritismo

Clássicos do Espiritismo

118 – 02/08/2009

O Consolador – (Angélica Reis)

I. O purgatório

O porquê da Vida (Léon Denis)

121. Passada a tormenta, dissipar-se-ão as nuvens sombrias que nos escurecem o céu. Um límpido raio de sol brilhará sobre as ruínas acumuladas e uma era nova começará para a Humanidade. Grandes coisas então se realizarão. Almas poderosas reencarnarão entre nós para dar vigoroso impulso à ascensão geral. A consciência humana se desembaraçará das peias do materialismo. A Filosofia se espiritualizará. (PP. 113 e 114)

122. No seu artigo de ataque ao Espiritismo, já referido antes, o padre Coubé faz a apologia do inferno, afirmando: “O Inferno não é em si mesmo uma crueldade, pois que a crueldade consiste em fazer sofrer um ente para gozar com o seu sofrimento, portanto, além do que ele merece e do que a ordem reclama”. Responderemos a ele: “É sempre cruel infligir a um ser sofrimentos que não tenham a leni-los nenhuma esperança e que não comportam resultado algum”. (P. 116)

123. Em todo o Universo, o sofrimento é, sobretudo, um meio educativo e purificador. Considerando-o como uma expiação temporária, do ponto de vista da justiça divina e segundo o Espiritismo, ele se nos mostra como um processo de evolução, pois que, desenvolvendo em nós a sensibilidade, nos aumenta a vida, tornando-a mais intensa, ao passo que, com as penas eternas, o sofrimento não é mais do que uma baixa vingança, uma crueldade inútil. (P. 116)

124. Ora, Deus nada faz sem objetivo, e o seu objetivo é sempre grandioso, generoso, benéfico para suas criaturas. (P. 116)

125. Aliás, o padre Coubé não deve ignorar que a maioria dos teólogos hão renunciado à teoria das penas eternas e que já está reconhecido e firmado que a palavra hebreia que se traduziu por eterno não significa sem-fim, mas apenas longa duração. (P. 116)

126. A Terra, eis o purgatório verdadeiro, o inferno temporário. O sofrimento do Espírito na vida do espaço não pode ser senão moral. Resulta da ação da consciência que desperta imperiosa, mesmo que se trate das almas mais atrasadas. (P. 117)

127. Em meio de tantas obscuridades acumuladas pela Igreja no decurso dos séculos, não admira que a pobre Humanidade se tenha extraviado e erre, sem bússola, à mercê das tempestades da paixão, da dúvida, do desespero. (P. 117)

128. Com o Espiritismo, nada de afirmações sem provas, porque ele repousa sobre um conjunto de fatos e de testemunhos que, crescendo continuamente, lhe assegura o seu lugar na Ciência e lhe prepara esplêndido porvir. Todas as descobertas recentes da Física e da Química vieram confirmar suas experiências. (PP. 117 e 118)

129. O Espiritismo é, pois, ao mesmo tempo uma ciência e uma fé. Como fé, pertencemos ao Cristianismo, não a esse cristianismo desfigurado, apoucado, rebaixado pelo fanatismo, mas à Religião que une o homem a Deus em espírito e verdade. Não nos passa pela mente fundar um novo evangelho. O de Jesus nos basta plenamente. (P. 118)

130. Se um dia o grande ideal desejado pelos sábios e entrevisto por todos os inovadores vier a realizar-se pelo acordo entre a Ciência e a Fé, a Humanidade deverá isso ao Espiritismo, às suas investigações laboriosas, à sua filosofia consoladora e elevada. Graças a ele é que se cumprirá a bela profecia de Claude Bernard: “Virá o momento em que o sábio, o pensador, o poeta e o sacerdote falarão a mesma linguagem”. (P. 119)

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo V)

131. Lançando um olhar de conjunto sobre a obra da Igreja Católica Romana, podemos dizer que, malgrado as suas manchas e sombras, é bela e grande a sua história. Nas épocas de barbaria, foi ela o asilo do pensamento e das artes e, por séculos, a educadora do mundo. Mas a obra da Igreja teria sido incomparavelmente mais bela, mais eficaz, se houvesse ensinado sempre a verdade em toda a sua plenitude, se houvesse feito luz completa sobre o destino humano. (P. 119)

132. Se isso tivesse sido feito, não veríamos a indiferença, o ceticismo e o materialismo se espalharem, nem tantas revoltas, tantos desesperos e suicídios. E a Terra não assistiria a tantas paixões, tantas cobiças e tantos furores se desencadearem à volta dos que aqui residem. (P. 120)

Denis Léon, O Porquê da Vida

Clássicos do Espiritismo

69 – 17/08/2008

O Consolador – (Angélica Reis)

Cristianismo e Espiritismo (Léon Denis)

I. O purgatório

68. Quando a Igreja afirma que Jesus se ofereceu a Deus em holocausto, para a redenção da Humanidade, de que terá ele resgatado os homens? Certamente, não é das penas do inferno, porque ela continua a ensinar que os indivíduos que morrem em estado de pecado mortal são condenados às penas eternas. (P. 84)

69. Ora, se ele resgatou os homens do pecado, por que ainda os batizam? A missão de Jesus não era resgatar com o seu sangue os crimes da Humanidade, pois o sangue, mesmo de Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. O Cristo desceu das esferas de luz, onde tudo é serenidade e paz, para mostrar-nos o caminho que conduz a Deus: esse o seu sacrifício. (P. 85)

70. A doutrina católica prega também a existência do demônio, que, segundo a Igreja, é um ser perfeitamente real, uma personalidade distinta do resto da Natureza, com vida, ação e domínio próprios. (P. 87)

71. Não pode haver sofrimentos eternos, mas unicamente sofrimentos temporários, apropriados às necessidades da lei de evolução e progresso. O princípio das reencarnações é mais justo que a noção do inferno eterno. (P. 89)

72. O vocábulo eterno, que aparece com freqüência nas Escrituras, não deve ser tomado ao pé da letra. Em numerosos casos o vocábulo parece simplesmente significar: longa duração, um fim que não se conhece. O termo hebraico ôlam, traduzido por eterno, tem como raiz o verbo âlam, ocultar. Exprime um período cujo fim se ignora. (P. 91)

73. A questão do purgatório é importante, porque pode constituir um vínculo entre as doutrinas católica e espírita. Segundo a Igreja romana, o purgatório é um lugar não definido. Os protestantes ortodoxos rejeitam-no. (PP. 92 e 93)

74. Quase sempre o que chamamos o mal é apenas o sofrimento, mas este é necessário, porque só ele conduz à compreensão. É pelo sofrimento que a alma atinge a plenitude do seu brilho, a plena consciência de si mesma. (P. 93)

75. Sob o látigo da necessidade, sob o aguilhão da dor, o homem caminha, avança, eleva-se e, de existência em existência, de progresso em progresso, chega a imprimir ao mundo o cunho do seu domínio e inteligência. (P. 94)

76. A maior parte dos padres da Igreja entendiam a ressurreição da carne doutro modo. Conheciam eles a existência do perispírito, desse corpo fluídico, sutil, imponderável, que é o invólucro permanente da alma. (P. 97)

77. Assim é que atribuíam a ressurreição senão a esse corpo espiritual, que resume, em sua substância quintessenciada, todos os invólucros grosseiros que a alma tomou e depois abandonou ao longo dos séculos. (P. 97)

78. Tertuliano diz que os anjos têm um corpo que lhes é próprio e que se pode transfigurar em carne humana. Paulo ensinava: “Semeia-se corpo animal, ressuscitará o corpo espiritual” (I Coríntios, XV, 4 a 50). (P. 98)

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo V)

79. Examinada com atenção a Bíblia, vê-se que nela não existe a expressão “ressurreição da carne”, mas sim “ressurreição dos mortos” ou “dentre os mortos”. (P. 98)

80. O que foi dito do pecado original nos conduz a considerar o batismo simples cerimônia iniciática ou de consagração, porque a água é impotente para limpar de suas máculas a alma. (P. 101)

81. Se consultarmos todos os textos em que se funda a instituição da confissão, neles só encontraremos uma coisa: que o homem deve reconhecer as ofensas cometidas contra o próximo e confessá-las diante de Deus. Aliás, a confissão auricular nunca foi praticada nos primeiros tempos do Cristianismo; não foi Jesus quem a instituiu; foram os homens. (PP. 101 e 102)